

ZUR ASTROLOGIE

Allan Vyctor Araujo Xavier

Versuch, eine Anschauung von der sich unter Ausschaltung der magischen „Einfluss“-Lehre, der „Strahlenkräfte“ usw. zu verschaffen. So ein Versuch mag vorläufig sein, wenn man will. Er ist sehr wichtig, weil er die Aura um diese Untersuchungen reinigt. Und man stößt auf diese Forschungen notwendig, wenn man sich die Frage vorlegt, wo im Laufe der Geschichte sich die Begriffe eines realen Humanismus gebildet haben. Vielleicht nirgends umfassender als in der Astrologie. Welche Intensität sie dem Begriffe der Melancholie verschafft hat, habe ich gezeigt. Gleiches ließe sich von vielen andern Begriffen zeigen.

Der Ansatz sieht so aus: Man geht von der „Ähnlichkeit“ aus. Man sucht sich klar zu machen, dass was wir von Ähnlichkeiten wahrnehmen können, etwa in den Gesichtern untereinander, in Architekturen und Pflanzenformen, in gewissen Wolkenformen und Hautausschlägen, nur winzige Teilansichten aus einem Kosmos der Ähnlichkeit sind. Man geht weiter und sucht klar zu machen, dass diese Ähnlichkeiten nicht nur durch zufällige Vergleiche unsererseits in die Dinge hineingetragen werden sondern dass sie allewie die Ähnlichkeit zwischen Eltern und Kindern - Auswirkungen einer eigens in ihnen

SOBRE ASTROLOGIA

Allan Vyctor Araujo Xavier

Um ensaio feito sob uma perspectiva da astrologia, desvinculado da mágica “influência da doutrina de forças luminosas”, etc. Um ensaio assim pode ser provisório, se quisermos. Ele é muito importante, porque expurga a aura ao redor dessas investigações. E nos deparamos com a necessidade dessas pesquisas, se nos inquirirmos sobre a formação do conceito de um real humanismo no decorrer da história. Talvez em nenhum outro lugar, de forma mais abrangente, do que na astrologia. Eu mostrei a intensidade que concerne ao conceito de melancolia. O mesmo pode ser mostrado de vários outros conceitos.

A abordagem assim se afigura: partiremos da “semelhança”. Nós procuramos esclarecer, que, o que podemos perceber das semelhanças, por exemplo, nos semblantes, na arquitetura, nas formas de plantas, em certas formas de nuvens, em erupções cutâneas, são apenas mínimas perspectivas parciais de um cosmo de semelhanças. Nós podemos avançar e elucidar que estas semelhanças não são apenas fortuitas comparações transportadas por nós ao interior das coisas, mas todas elas são - como a semelhança entre pais e filhos - especialmente, efeitos de uma força mimética dentro das coisas.

wirkenden, einer mimetischen Kraft sind. Und ferner: dass die Gegenstände nicht nur, die Objekte, dieser mimetischen Kraft ohne Zahl sind, sondern dass dies gleichweise von den Subjekten, von den mimetischen Zentren gilt, deren jedes Wesen eine Mehrzahl besitzen könnte. Zu alledem hat man zu bedenken, dass weder die mimetischen Zentren noch die mimetischen Gegenstände, ihre Objekte, im Zeitlauf unveränderlich die gleichen geblieben sein könnten, dass im Lauf der Jahrhunderte wie die mimetischen Kraft so auch die mimetischen Anschauungsweise aus gewissen Feldern, vielleicht um sich in andere zu ergießen, geschwunden sein könnte. Ganz ohne Zweifel hat z.B. die Antike im Physiognomischen einen weit schärferen mimetischen Sinn gehabt als die heutigen Menschen, die nur noch Gesichts- [,] kaum mehr Leibähnlichkeiten erkennen. Man denke ferner daran, wie in der Antike die Physiognomik auf den Tierähnlichkeiten begründet wurde.

Rücken diese Überlegungen der Astrologie schon nahe [,] so steht doch die entscheidende noch aus. Wir müssen nämlich als Erforscher der alten Überlieferungen damit rechnen, dass sinnfällige Gestaltung, mimetischer Objektcharakter bestanden habe, wo wir ihn heute nicht einmal zu ahnen fähig sind. Z.B. in de Konstellationen der Sterne. Man wir vor allem einmal das Horoskop als eine originäre Ganzheit, die in der astrologischen Deutung nur

E além disso: não apenas a matéria, os objetos, dessa força mimética são inumeráveis, mas da mesma forma os sujeitos, aos quais os centros miméticos se destinam, poderiam ser numerosos dentre de cada ser. Além disso, é preciso ter em mente que nem os centros miméticos, nem os objetos, seus objetos miméticos, poderiam ter permanecido imutáveis ao longo do tempo, e que no decorrer dos séculos tanto a força mimética quanto o modo de concepção mimética poderiam desaparecer de certos campos, para talvez desaguar/desembocar em outros. Sem dúvida, os antigos, por exemplo, tinham um sentido mais aguçado/acentuado para a fisionomia do que os homens hodiernos, que apenas reconhecem semelhanças faciais e quase nenhuma semelhança corporal. Podemos considerar ainda que na antiguidade a fisionomia era baseada nas semelhanças entre animais.

Essas reflexões se aproximam da astrologia [,] mas ainda falta o fator decisivo. Como pesquisadores de antigas tradições, de fato, devemos considerar que havia uma evidente concepção do caráter mimético objetivo, o qual nós hoje não somos capazes de imaginar. Por exemplo, nas constelações das estrelas. Antes de tudo, devemos entender o horóscopo como uma totalidade originária, na qual a interpretação astrológica apenas é analisada. A posição dos

analysiert wird, begreifen müssen. Der Gestirnsstand stellt eine charakteristische Einheit dar und erst an ihrem Wirken im Gestirnsstand werden die Charaktere z.B. der einzelnen Planeten erkannt. (Das Wort Charakter ist hier vorläufig. Es müsste Wesen heißen.) Man muss damit rechnen, dass prinzipiell Vorgänge am Himmel von frühem Lebenden, sei es von Kollektiven, sei es von einzelnen, nachgeahmt werden konnten. Ja, man muss in dieser Nachahmung die zunächst einzige Instanz erblicken, die der Astrologie den Erfahrungscharakter gab. Ein Schatten davon rührt noch den heutigen Menschen in südlichen Mondnächten an, in denen er wohl erstorbene mimetische Kräfte in seinem Dasein sich rühren fühlt, indessen die Natur in deren Vollbesitz dem Monde sich anverwandelt. Doch geben diese seltenen Augenblicke keinen Begriff von den formenden Verheißungen, die in Gestirnskonstellationen gelegen haben.

Wenn aber wirklich das mimetische Genie eine lebensbestimmende Kraft der Alten gewesen ist, dann ist es kaum anders möglich [,] als den Vollbesitz dieser Gabe, die vollendetste Auffassung insbesondere der kosmischen Sinnesgestalt dem Neugeborenen beizulegen, der ja noch heute, in seinen ersten Lebensjahren vor aller Augen [das] äußerste mimetische Genie in der Erlernung der Sprache beweist.

Das sind die vollständigen Prolegomena einer jeden rationalen Astrologie.

astros representa uma unidade característica e somente sob sua influência na constelação pode-se reconhecer, por exemplo, o caráter/natureza individual dos planetas. (A palavra caráter é provisória aqui. Deveria se chamar essência.) Devemos considerar que, em princípio, os acontecimentos no céu poderiam ser imitados por antigos seres vivos, seja de forma coletiva ou individual. De fato, devemos ver essa imitação como última instância que deu à astrologia o caráter de experiência. Nas noites enluaradas do Sul, uma sombra toca o homem hodierno, nas quais ele sente, dentro de si, as extintas forças miméticas, e enquanto isso, a natureza, em pleno domínio dessas forças, transforma-se na lua. No entanto, esses raros momentos não nos fornecem a ideia das promessas formadoras que se encontram nas constelações das estrelas.

Mas se o gênio mimético foi realmente uma força determinante na vida dos antigos, então seria dificilmente possível [,] que o domínio desse dom, a concepção mais perfeita entre aquelas de sentido cósmico, fosse dado aos recém-nascidos, eles que ainda hoje, nos primeiros anos de vida, provam diante de nossos olhos a extrema força do gênio mimético na aprendizagem da linguagem.

Estes são os prolegômenos completos de toda astrologia racional.

| | |
|--|--|
| | |
|--|--|

Graduado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Realizou estudos de Germanística na Universität Vechta, Alemanha. É Professor de Língua e Cultura Alemã na Codisma - UFPB. Brasileiro, residente em João Pessoa - PB. Email: allann62@hotmail.com

BENJAMIN, Walter. **Zur Astrologie** In: *Gesammelte Schriften*. Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser (Orgs.). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991. v. 6. p. 192-193. Fragm. 157.